

RECENSÕES

INÊS LOURENÇO: A POESIA COMO LÂMINA IMPLACÁVEL DO TEMPO

LOURENÇO, INÊS – *COISAS QUE NUNCA*. LISBOA: &ETC, 2010, 60 p. ISBN 978-989-8150-25-7.

*Procurei os sentidos
da água corrente, da pedra submersa, do arder
da lenha, do som de passos na areia.
A todas estas riquezas fugidias
chamei alma.*

(Inês Lourenço, in *Coisas que Nunca*, p. 55)

Inesgotável! Inesgotável na voz impressa, no tempo, no corpo, na alma, na morte, na mulher, na lâmina implacável do tempo. Inesgotável nas coisas que nunca deveriam perecer – assim se define a poesia de Inês Lourenço.

Com efeito, toda a sua progressão textual faz-se no sentido de uma mais alta definição da voz poética, passando por experiências de dicção em que se podem distinguir essencialmente três momentos¹ cruciais: uma primeira fase, marcadamente engagée, feminista e contestatária, a que correspondem *Cicatriz 100%* e *Retinografias*; uma segunda fase, da qual fazem parte *Os Solistas*, onde se assume uma atitude mais distante, descomprometida e mais irónica, sarcástica, em que se esboçam os vectores axiais da sua poética; e um terceiro momento, que se inicia com *Teoria da Imunidade* e se estende por *Um Quarto com Cidades ao Fundo*, *A Enganosa Respiração da Manhã*, *Logros Consentidos*, *Disfunção Lírica* e pelo seu último livro *Coisas que Nunca*, no qual Inês Lourenço opta, manifestamente, por uma poesia mais próxima da realidade, comprometida com o quotidiano, o minimalismo, sempre com a acidez cortante de uma ironia iconoclasta².

Destes três momentos ressalta, segundo Isabel Allegro Magalhães, um universo de sensações que são o lugar de arrebatamento, com o desejo e a imaginação a convocá-las, uma epistemologia dos sentidos, que constrói o erotismo e a sensualidade na relação com os seres, os acontecimentos, a corporeidade da existência³. No seio dessa fixação com o comum da vida, onde são fotografados pequenos nada, constantes do presente ou da decantação da memória⁴, o ritmo involuntário da vida invade-nos docemente a alma. Desse ritmo intensamente irregular/ofegante ou sísmico⁵ esboça-se *Coisas que Nunca*, livro feito de sucessivas reinvenções, de múltiplos sentidos ou sem-sentidos, onde a voz da poetisa pulsa como lâmina implacável do tempo, despedaçando os músculos dos sentidos:

REESCRITA

*Fender os versos
com a lâmina implacável do
tempo. No umbigo do poema cravar
o sabre rente às vísceras dos verbos,
à linfa de adjectivos. Despedaçar
os músculos dos sentidos. Abrir
a rede viária do sangue. Romper
a velha epiderme⁶.*

Coisas que Nunca é, pois, o reflexo de uma voz que num percurso de vinte anos se foi delineando, num progressivo e contínuo amadurecimento, assente simultaneamente numa poética de sabedoria e da emoção concebida

¹ BRAGA, Daniela et al. (2001) – *Inês Lourenço – Um Quarto com Cidades ao Fundo*. «Apeadeiro, revista de atitudes literárias», n.º 1 (Primavera). Vila Nova de Famalicão: Ed. Quasi, p. 92.

² *Ibidem*.

³ SEIXO, Maria Alzira et al. (2001) – *Inês Lourenço*. In *Vozes e Olhares no Feminino*. Porto: Ed. Afrontamento, p. 174-176.

⁴ *Ibidem*

⁵ LOURENÇO, Inês (2010) – *Coisas que Nunca*. Lisboa: & etc., p. 19.

⁶ *Ibidem*.

pela razão. Desde sempre, e segundo valter hugo mãe, que a *escrita desta autora se faz desse estar acima parecendo levar o chão nos pés, ou vir ao chão suportando o céu nas mãos*⁷. É do encontro com a memória, a infância, o corpo, a cidade, o espaço, com a transfiguração do quotidiano e a circunstância que a sua poesia espelha uma (in)temporalidade renovada e inovadora:

*As raparigas da Foz há muito deixaram
 de enlaçar os bilros sobre as almofadas.
 Já não imitam nos meandros da renda o desenho
 das ondas. Nem esperam, rodeadas de filhos pequenos*

*o regresso do seu modesto ulisses. Hoje
 trabalham na pizzaria ou servem pregos e finos
 na esplanada. Com um pouco de sorte fazem
 um Curso de Gestão ou de outras ciências
 ocultas para gáudio da família que as vai
 ver desfilar no Cortejo da Queima e noutras
 praxes saloias que a turba não dispensa.*

*Também há as outras, que ao certo não
 sei o que fazem, mas que ainda debutam
 aos dezoito anos ao som de O Danúbio Azul,
 com reportagem na imprensa rosa.*

*Mas o certo é que o mar da Foz não desbotou
 jamais a sua cor atlântica, nem desistiu
 desde há milénios de receber o Douro,
 embora os caranguejos, as lapas
 e os beijinhos nos tenham abandonado
 como as histórias de antigos piratas e Robinsons
 deixaram os nossos sonhos.*

*O mar da Foz envolve na salina rebentação
 aquele poderoso rio, que apesar de retido
 em comportas de barragem, incorpora
 desde a nascente o corpo feminino
 das ribeiras que para ele correm ainda
 como rendilheiras, no regresso dos barcos*⁸.

Mais do que uma *recolha de contida e rigorosa escrita*, esta obra, marcada por uma

alternância entre poemas curtos e longos, reflecte toda uma lógica assente numa sequencialidade orgânica e vincadamente serial, isto é, compõe-se de poemas claramente entrelaçados, numa límpida construção que prende e envolve de forma poderosa o leitor. Inês Lourenço é, desde logo, *criadora de ponderado verso, como verso calibrado por metrónimo, cortado por mão segura*⁹. Como uma faca. Sem paradas inúteis. Vertiginosamente, em que tudo é dito de forma lapidar e cristalina:

CRÓNICAS

*Mulheres de canastra à cabeça, que num
 recôncavo
 de esquina, não calcetada, onde uma nesga
 de terra desmentia o urbanismo
 invasor, mijavam de pé
 com rara pontaria dissimulando
 entre as grossas saias, as
 pernas afastadas. Não usavam cuecas
 tal como uma modelo da Vogue,
 cujo profundo decote dorsal,
 prolongado abaixo da cintura,
 as abolia.*

*Coincidências
 da baixa plebe
 e da alta-costura*¹⁰.

Oscilando entre uma escrita marcada por um universo feminino, sem ser feminista, e uma apurada sensibilidade do mundo, os seus textos são o reflexo de uma voz que espicaça a moralidade caquética da sociedade pequena, do quotidiano repetitivo, de um tempo marcado pela disforia.

É nesta capacidade de conferir ao discurso um outro olhar sobre as coisas, sobre as circunstâncias do mundo, que a sua poesia se

⁷ MÃE, valter hugo (2003) – *Métodos de Encantar Incautos*. In suplemento «Mil Folhas» do jornal «Público», 15 de Março.

⁸ LOURENÇO, Inês – *Op. cit.*, p. 25-26.

⁹ MÃE, valter hugo (2003) – *Inês Lourenço e José Emílio-Nelson: a poesia de 80 em dois exemplos fundamentais*. «Esquina do Mundo – Centro de Estudos Ferreira de Castro», n.º 1 (Dezembro). Vila Franca de Xira: Ed. Colibri, p. 35.

¹⁰ LOURENÇO, Inês – *Op. cit.*, p. 27.

reveste de originalidade, inventando e reinventando-se:

POEMA DO DIA SEGUINTE

*Talvez ignores ainda
que não confio no poder dos versos,
que assim como os deuses
são um mero álibi de sentidos
duvidosos.*

*Mas, sem poder nenhum
os prefiro, livres na sua inteira
inutilidade. Restam-nos a roupa enxuta
de improváveis viagens, e sempre
o melhor vinho da colheita
por haver¹¹.*

Em *Coisas que Nunca*, mais do que uma atenta observação da realidade que a rodeia, realidade que é tempo, corpo, alma; o leitor é não só reconduzido pelos meandros da memória, como também é confrontado com curiosos retratos dos anseios e das decepções do quotidiano. Aqui a palavra fácil ludibria a tensão, o sonho é sufocado pelo desalento, por *coisas sem ocidente*:

COISAS QUE NUNCA

*Coisas que nunca tivessem ocidente. Crianças
que nunca envelhecessem. Rios
que não desaguassem. Coisas
sem o engodo de crescer
em direcção à morte¹².*

Fernando Pinto do Amaral e João Barrento, entre outros, analisando a poesia portuguesa da pós-modernidade, diagnosticaram-lhe um generalizado e *difuso sentimento de melancolia*¹³. Ora, em Inês Lourenço não encontramos propriamente um fio condutor impregnado de melancolia, mas sim um turbilhão de sensações, resultantes de uma voz insubmissa, que não esconde uma genuína vontade de trans-

gredir, de sacudir mentalidades, recorrendo para o efeito a um tom sarcástico e mordaz:

MAMOGRAFIA DE MÁRMORE

*Deliciam-me as palavras
dos relatórios médicos, os nomes cheios
de saber oculto e míticos lugares
como a região sacro-lombar ou o tendão de
Aquiles.*

*Numa mamografia de rastreio
a incidência crânio-caudal seria
um bom título para uma tese teológica.*

*Alguns poetas falam disso. Pneumotórax
de Manuel Bandeira ou Electrocardiograma
de Nemésio, para não referir os vermelhos de
hemoptise
de Pessanha ou as engomadeiras tísicas
de Cesário.*

*Mas nenhum(a) falou (ou fala)
de mamografia de rastreio. Versos dignos
só os de mamilo róseo desde o tempo
de Safo ou de Penélope. E, de Afrodite
enquanto deusa, só restaram óleos e
mamografias de mármore¹⁴.*

Pedra angular da sua obra é também o pacto que a sua poesia estabelece com a força pura da palavra – o Verbo. Ao alternar imagens exteriores com interiores, numa luta anunciada com o tempo, a palavra não é mais do que a *difícil arte de não-ser, nem umas coisas nem outras*¹⁵:

PARA UMA POETISA

*Penteei os meus poemas com madeixas
claras. Com elegância os lugares
e os dizeres. Só receio se, na
compostura dos meus versos, não
consegui decompor o Tempo¹⁶.*

¹¹ *Ibid.*, p. 39.

¹² *Ibid.*, p. 18.

¹³ AMARAL, Fernando Pinto do (1982) – *Na órbita de Saturno*. Lisboa: Hiena e BARRENTO, João (1996) – *O Astro Baço – a poesia portuguesa sob o signo de Saturno*. In *A Palavra Transversal*. Lisboa: Cotovia, p. 79-94.

¹⁴ LOURENÇO, Inês – *Op. cit.*, p. 41.g

¹⁵ *Ibid.*, p. 17.

¹⁶ *Ibid.*, p. 52.

Mais do que uma poética como limiar para uma reflexão sobre a transfiguração do quotidiano, a vivência que decorre do encontro com a poesia de Inês Lourenço apresenta-se como um universo labiríntico onde se realça, em antagonismo com *modernices* efémeras e destituídas de sentido, todas aquelas coisas que nunca deveriam perecer, mas antes constituírem-se como alimento da memória – a começar pela nossa própria infância, com todos os estímulos que lhes deram e nos dão consistência:

BERCEUSE

*Canção de embalar é talvez
demasiado melódico e além disso
um desuso. Já ninguém canta a adormecer
os filhos. Coisa imprópria para o crescimento
de criaturas autónomas
e hiper-activas que devem fugir
ao sedentarismo e à obesidade.*

*O Canal Panda faz isso muito melhor
ou qualquer brinquedo mecânico e perfeito.*

*Também já ninguém canta
nos lavadouros públicos ou nos campos. Os*

*únicos campos onde se cantam as brumas
da memória são os estádios (...)*¹⁷

Com este suave desmontar da realidade circundante, Inês Lourenço conquista o leitor e convida-o a participar das suas tentativas de restauração da ordem mental e afectiva no seu mundo compartilhado, de cuja reorganização todos podem fazer parte. Só a poesia na sua plenitude poderá ser a *lâmina implacável* da memória e dar cor às coisas que nunca:

BECOS

*Nos velhos filmes de capa e
espada, tantas vezes os jogos
mortais de esgrima confinavam
os heróis aos recantos de ruelas
sem saída.*

*Também um livro de poemas
é um antigo beco onde a mortalidade
da esgrima subsiste. Mas é sempre possível
escalar telhados escorregadios e emboscar-se
numa qualquer viela
inventada*¹⁸.

CIDÁLIA DINIS

(MEMBRO DO GRUPO DE INVESTIGAÇÃO MULTICULTURALIDADE
E DIÁLOGO INTERNACIONAL DO CITCEM – CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR «CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA». ESTUDANTE DE
DOUTORAMENTO DA FLUP E BOLSEIRA DA FCT. CIDALIADINIS@SAPO.PT.)

¹⁷ *Ibid.*, p. 23-24.

¹⁸ *Ibid.*, p. 28.